

# ROSINA

N.º 4

DRAMA EM CINCO ACTOS,

(ORIGINAL BRASILEIRO)

POR

JOSÉ TITO NABUCCO DE ARAUJO,

MOÇO FIDALGO COM EXERCÍCIO NA CASA IMPERIAL, BACHAREL  
EM LETRAS PELO IMPERIAL COLLEGIO DE PEDRO II, ALUMNO  
DO QUARTO ANNO DA FACULDADE DE DIREITO DE S. PAULO, E  
SOCIO DE DIVERSAS ASSOSSIAÇÕES LITTERARIAS.



RIO DE JANEIRO.

Typ. COMMERCIAL, DE F. O. DE QUEIROZ REGADAS, PRAÇA DA  
CONSTITUIÇÃO N. 9.

1859.

A small decorative flourish or signature mark, possibly a stylized 'R' or 'J', located at the bottom of the page.

A MEU PADRINHO

• ILLM. SR. COMMENDADOR

**FRANCISCO JOSÉ BERNARDES.**

Tendo tido a infelicidade de perder meu pai ainda na infância, encontrei a vossa mão bemfazeja, a qual me tem guiado pelo escabroso caminho da vida.

Acceptai, pois, este trabalho como uma diminuta prova de gratidão, que sempre vos consagrará o vosso ailhado

*José Tito Nabuco de Araújo.*

—•••••—  
AO ILLM. SR. COMMENDADOR

**JOÃO CAETANO DOS SANTOS**

**HOMENAGEM AO GENIO.**

## PERSONAGENS.

O Conde Elmano, pai de Elmano.	50 annos.
Alfredo de Castro.	20 ditos.
Bento da Silva, confidente da Marqueza de Onofre, mulher do Marquez de Onofre.	30 ditos.
Emilia, sua sobrinha.	30 ditos.
Rosina, cantora italiana.	50 ditos.
André, seo irmão.	16 ditos.
O padre Arnaldo.	20 ditos.
Felippe, leão da moda.	25 ditos.
Arthur, dito.	50 ditos.
Um criado.	20 ditos.

A acção passa-se no Rio de Janeiro, no anno de 185 . . . .

Autoriso tanto quanto me é permitido, a representação  
deste drama nos theatros da Côrte.

Rio de Janeiro 5 de fevereiro de 1859.

O Presidente interino do Conservatorio Dramatico Bra-  
sileiro.—DR. ANTONIO FELIX MARTINS.

~~~~~

Visto pela censura. Rio 5 de Fevereiro de 1859.—  
O Secretario. ANTONIO LUIZ FERNANDES DA CUNHA.

## ACTO I.

O theatro representa um salão de baile elegantemente ornado, com portas no fundo, que devem levar as vistas do espectador ao grande salão do baile, onde existirão cavalleiros e damas passeiando em diversos sentidos.

### SCENA I.

ALFREDO, ARTHUR, FELIPPE E BENTO DA SILVA, *que deve achar-se no fundo da scena, prestando ouvidos ao que se vai passar, mas parecendo apreciar o baile, que se dá no outro salão.*

ALFREDO.

E' como te digo, Arthur, Elmano não é o mesmo mancebo de outr'ora, já não é o meo anigo amigo.

ARTHUR.

Como assim ? Não te comprehendo !

FELIPPE.

Pois é possível que Elmano, todo vosso afeitoado, que nada fazia sem o seo amigo Alfredo, já . . .

ALFREDO.

Enganai-vos : não me comprehendestes, e por isso é mister que me explique. Conhecis Elmano, vicis nelle o mancebo folgazão, indispensavel aos salões, ás damas, e aos grandes circulos da moda ; o mancebo bello e instruido que nunca deixou ver no seo semblante, cheio de mocidade e alegria, senão o doce sorriso de satisfação e de bem estar, ninguem melhor do que eu vos póde affiançar isso.

FELIPPE.

Por certo que não, pois elle diz em toda parte : — O meo melhor amigo é Alfredo.

ARTHUR.

E' verdade, sempre vos vi juntos.

ALFREDO.

Pois bem, meos senhores, Elmano está completamente mudado.

ARTHUR E FELIPPE (*a um tempo*).

Como assim ? (*Bento da Silva faz um movimento de attenção.*)

ALFREDO.

Sim, esse mancebo soffre e muito ; sobre o seo semblante está estampado o padecer acerbo que tem encoberto esse colorido, antes tão ardente do ventura ; sees olhos se enlanguecem, e emfim suas noites são horriveis, e seus sonhos tormentosos.

ARTHUR.

E' singular !

FELIPPE.

E' incompreheensivel !

ALFREDO.

Já o vistes esta noite ?

ARTHUR E FELIPPE (a um tempo).

Não.

ALFREDO.

Procurai vê-lo, e vereis que nada exagerei. (A orchestra toca a chamada de uma quadrilha.)

ARTHUR (voltando-se para o fundo).

A proposito : ei-lo que passa pelo salão do baile ; a orchestra nos chama, eu corro em busca de meu par e de Elmano...

FELIPPE.

E eu, meu caro, pois és o meu vis-à-vis. (Vão-se.)

SCENA II.

ALFREDO E BENTO DA SILVA, ainda no fundo da scena.

ALFREDO (depois de pequena pausa).

Grande mysterio encobre o padecimento de Elmano, e é mister que se dissipe quanto antes, pois só assim entrará o prazer em sua alma. Pensem nos meios e o executemos o mais breve possível. (A orchestra principia a tocar a quadrilha que annunciou).

BENTO (aproximando-se).

O mais breve possível.

ALFREDO (voltando-se admirado).

Não tenho a honra de conhecer a pessoa que perturba pensamentos alheios, e por ventura intimos !

BENTO.

E' o mesmo, meu rico senhor, a pessoa que vos rouba esses pensamentos os tem, os sabe, e os procura, como vós, desenvolver : aliás, é um cavalheiro que, como vós, tambem procurou a confusão de um baile, o alarido dos sorrisos, e o calor destes salões, para ver se adianta mais um passo na execução de um plano mais que importante.

ALFREDO (contrariado).

Não vos comprehendo, senhor, e se alguma coisa posso suppor e que sois summamente indiscreto em vir interromper uma pessoa que vos não conhece, nem vos deseja conhecer.

BENTO.

Como quizerdes, cavalheiro ; mas o indiscreto que vos veio incommodar, conhece como as palmas de suas mãos o que vós mesmo ignorais, e diz com ufania, eu não preciso conhecer Alfredo de Castro ; porque não preciso d'elle e vós....

ALFREDO (interrompendo exasperado).

E eu, senhor, preciso de vós, não é assim ?

BENTO.

Perfeitamente, porque eu sei a causa do soffrimento do vosso amigo.

ALFREDO (aparte).

Será possível ! (Alto.) Zombaes, e eu não estou acostumado a zombarias, é mister que vos advirta que sois o primeiro que ousais entreter-vos comigo, e que por certo sereis o ultimo.

BENTO.

Ah ! ah ! ah ! Ameaças, ameaças quando vos venho prestar um serviço ?

ALFREDO.

Então fallai, eu tenho que fazer.

BENTO.

Elmano, esse mancebo illustre, a quem dedicais uma amizade sem limites, ama ; ama ardentemente, mas esse amor é impossivel, porque uma barreira immensa, por ventura inacessivel, se levanta entre elle e o objecto do seu amor.

ALFREDO.

Explicai-vos, explicai-vos, senhor !

BENTO.

Conheceis Rosina, essa cantora que ha seis mezes, tem occupado todos os corações, e entretido todos os olhares, essa artista por excellencia, que já pela belleza, já pelas notas arrebatadoras do seu canto divino, tem feito milhares de escravos, aquella emfim, que até hoje tem sabido guardar seu nome por entre as flôres de uma reputação sem mancha ! Pois bem, Elmano morre de amores por ella, e é vivamente correspondido, mas se a cantora deixou vencer seu coração, mais cautelosa do que nunca guarda sua honra, e por consequencia exige a mão do vosso amigo para complemento de sua felicidade.

ALFREDO.

Isso é impossível, o conde Elmano, seu pai, orgulhoso de sua nobreza, como todos o conhecem, preferiria antes vel-o morrer. Oh ! desgraçado Elmano !

BENTO.

Nem tanto, cavalheiro, é menos do que eu.

ALFREDO.

Mas se em tudo isto, vejo que vos interessais pela sorte de meu amigo, comtudo ainda não sei qual o motivo, seria indiscrição o interrogar-vos ?

BENTO.

Nada me interesse por elle, nem tão pouco por vós; se tratei de descobrir o que ninguem podia saber, foi pelo meu proprio interesse. Ha um grande mysterio em tudo isto, mas talvez que um dia ... então eu vos assevero, senhor, que desejareis mais realmente não conhecer Bento da Silva, do que o desejaveis ainda ha pouco, por agora tratai de verificar o que vos disse. Eu vos saúdo e corro a occultar-me entre essa multidão de afortunados. (*Vai-se. Termina a musica.*)

### SCENA III.

ALFREDO (*só*).

Este homem me despertou suspeitas, corramos em seu alcance. (*Vai para sahir e volta precipitadamente para a scena.*) Mas eis que para aqui se encaminha Elmano trazendo pelo braço a encantadora Rosina, se me pudesse occultar de tudo saberia; (*encaminhando-se para uma porta lateral*) mas eis aqui um gabinete, elles se aproximão, ouçamo-los sem que nos vejão. (*Occulta-se no gabinete da direita.*)

### SCENA IV.

ELMANO E ROSINA (*entrando*).

ELMANO.

Eis-nos emfim a sós, e livre desses olhares importunos, que tanto mal me fazem ; aqui nós unicamente poderemos sem temor conversar, e trocar as nossas magoas. Sim, Rosina, porque eu soffro muito !

ROSINA.

Sempre as mesmas palavras ; essas vistas importunas, e o vosso soffrimento ! Não vos comprehendo, Elmano. Sou vossa, e não serei de outro ; aqui a sós comvosco, como acolá na multidão do baile, meu coração é vosso ; aqui, como lá, meus labios não se decerirão, senão para dizer — eu vos amo, eu vos idolatro !

ELMANO (*pegando-lhe na mão*).

Oh ! eu não duvido do vosso amor, é por essa razão que soffro e soffro muito. (*Pausa.*) Amo como eu não pudera dizer ; sabe-o Deos, e a noite que contempla este semblante antes tão cheio de esperanças e agora pallido pela febre da duvida e da desesperança, é por isso, Rosina, que morrerei tão cedo.

ROSINA.

Eu não vos comprehendo, vossas palavras me atterrão. Por ventura quereis morrer quando no vosso coração existe tanto amor, tanta vida ? quereis desamparar Rosina, que só vive para vós, e dizeis que me amais ?

ELMANO.

Sim ; eu vos amo como ninguem nunca amou, Rosina, e já gozei eu uma prova unica desse amor que me desteis, tão santo, tão puro ? E dizeis que minhas palavras vos atterrão, que não me comprehendeis ; tendes razão, senhora, porque sou muito desgraçado !

ROSINA.

Tratai-me de senhora, Elmano ! Ah ! eu o sei ! Sois desgraçado e eu sou a venturosa ; padeceis, vosso leito é de espinhos, isso que importa ? eu folgo ; não tendes esperanza no vosso amor, eu tenho toda, e risonha aguardo o hora propicia... (*mudando de tom*) é demais, senhor ! Agora é Rosina quem vos falla ; sim, só ella é que se pôde queixar. Mais de uma vez vos tenho tudo offercido estendendo-vos minha dextra, donde parte a duvida ? Sómente de vós. Dizeis ; esperai que dias mais felizes raiarão, por ora é impossível,

vivamos amando-nos sempre com a mesma intensidade e esperemos! Rosina deixou de amar-vos? Ah! agora tudo compreendendo, entre nós barreira imensa se levanta, sois nobre, sois filho de um conde, e eu, senhor, sou a cantora dos theatros, minha mão não é digna de vós; quereis-la por conquista, e ao depois o esquecimento, a frieza e o desdém. (*Com mais força.*) Enganai-vos, senhor, porque Rosina nunca venderá sua honra, e já que tudo percebi, que me illudiste com tão fingidos votos, adeos, e para sempre. (*Vai-se para sahir.*)

ELMANO.

Rosina! Rosina! Quanto sois ingrata!

ROSINA.

Já nada quero de vós que profanais um amor tão santo, tão puro; o primeiro amor de minha vida. Deixai-me!

ELMANO.

Pois bem, Rosina. Já não me assombra a desgraça, porque ella presidio meu berço; já não me assustão os tormentos porque forão elles que me amamentarão, deixai-me! O amor que vos tenho, essa paixão que me abraza a existencia, Deus o sabe, é tão pura como a vossa; nos meus sonhos nunca vos vi sem a branca corôa da innocencia, da virgindade de noiva, em toda a parte, sempre as unicas palavras que meus labios balbuciarão forão dignas de vós! Entretanto, meu Deus, tudo me abandona; aqui, as dores de um pai que me ameaça de um parricidio se me uniu a vós; acolá, os preconceitos sociais que me preparão insultos se vos estender a mão, por toda parte sò idéas negras me perseguem! Dizeis bem; abandonai-me, porque fui a ave agoureira que pousei no vosso leito de rosas para augurar os sonhos; porque foi a minha mão desgraçada que pousou sobre o vosso seio limpo e puro d'emoções, deixando-o ao depois ancioso e delirante com a terrivel febre de uma paixão infeliz; porque fui o vosso Lusbel tentador, que vos roubou os castos sonhos de donzella, trocando-os pelos fervidos sonhos de uma amante sem esperanças; porque quem sabe ainda senão vos perdi de todo. Mas, sabeis as consequencias? Não importa, eu já nada sou para vós, não quero pois viver! A vida pesa demais ás vezes, senhora, é um fardo insuportavel, que sò pôde ser alliviado pelo ferro do suicida! Adeos, Rosina, adeos!

ROSINA (*prostando-se a seus pés*).

Elmano, eu vos peço perdão, eu tudo vos devo, já não receio nada, perdão, perdão Elmano!

ELMANO.

Erguei-vos, Rosina, vinde a meus braços, eu vos perdoo, ou antes perdoai.... alguém se aproxima.... podem penetrar o segredo do nosso amor, fujamos. (*Vão-se.*)

SCENA V.

ALFREDO (*só*).

E'-me impossivel sahir; ahi vem o tal desconhecido trazendo pelo braço a marquezia de Onofre, tornemos ao nosso posto. (*Vai-se*)

SCENA VI.

BENTO DA SILVA, trazendo pelo braço a marquezia de Onofre

MARQUEZA DE ONOFRE.

Enfim, senhor, estamos sós, ninguem nos escuta, fallai.

BENTO DA SILVA.

Estais anciosa, senhora, não é preciso que vos amofineis tanto; escutai-me calmamente, e tratai do que é mais urgente agora—de reaver o vosso amante perdido!

MARQUEZA DE ONOFRE.

Estou prompta a ouvir-vos, fallai, fallai, senhor!

BENTO DA SILVA.

Sois muito inexperiente, cara marquezia, julgaveis ter preso para sempre um joven virgem ainda do sentimento do amor, e que se deixava enlaçar em vossos braços de amante por passatempo, por conquista, e por enleio!

MARQUEZA DE ONOFRE.

As provas, as provas!

BENTO DA SILVA.

Julgastes que Elmano não havia cançar, aborrecer essas faceis prizões de leão da moda, logo que visse diante de si os labios corados, os olhos negros, o collo de alabastro, enfim o sorriso angelico de alguma cantora, que mais experiente que vós todas tomasse difficil a sua conquista? Enfim, senhora, não comprehendeste que Elmano podia fingir que vos amava, que podia amar pela primeira vez, e que pela primeira vez amasse uma cantora! Ah! Ah! Ah! Enrubecéis?! Tendes razão, a vossa rival canta para ganhar a vida, e vós pagais para ouvir cantar, a differença é extrema, excellentissima.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Não vos comprehendo. Explicai-vos.

BENTO DA SILVA.

Assim o farei.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Fallai.

BENTO DE SILVA.

Com todo o prazer! Elmano ama o soprano absoluto do nosso theatro, a bella e encantadora mademoiselle Rosina, aquella mesma que acaba de encontrar-se comnosco, pelo seu braço.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Mas isto não pôde ser! E' horrivel, é um insulto, e serei capaz de tudo para vingar semelhante affronta. As provas! As provas!

BENTO DA SILVA.

Eu vol-as darei amanhã.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Oh! eu vos farei feliz, senhor.

BENTO DA SILVA.

Muito bem, vós me podeis fazer feliz, porque eu, como vós, amo e profundamente, senhora! Desnecessario é pintar-vos os meos soffrimentos, porque comprehendeis que um homem da minha tempera odeia com extremo, vinga-se com excesso, injuria sem temor, trahе sem consciencia, se preciso fôr, assassina sem remorse, e quando ama não conhece obstaculos!

MARQUEZA DE ONOFRE.

Por piedade, por piedade continuai.

BENTO DA SILVA.

Digo-vos, pois que o amor que me queima a razão, que me cega a alma é inspirada pelo mesmo objecto que prende a Elmano.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Será possivel que sejamos irmãos na desventura?!

BENTO DA SILVA.

Assim como o seremos na perseguição daquelles que nos fazem desgraçados.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Eu o juro pela minha honra.

BENTO DA SILVA.

E' melhor que jureis pela vossa alma!

MARQUEZA DE ONOFRE.

Pela minha alma!

BENTO DA SILVA.

Agora ouvi-me. E' mister que arrebatemos os objectos que nos são caros de mãos alheias, ou que nos vingemos horriavelmente desses dous jovens!

MARQUEZA DE ONOFRE.

Elmano será meo ou uma vingança horriavel cairá sobre sua cabeça!

BENTO DA SILVA:

Assim o digo ácerca de Rosina. Agora tomai esta carta e fazei-a chegar ás mãos do conde Elmano; por ella se previne ao velho conde, que seu filho, louco de amores por uma cantora de nome Rosina, que canta em nossos theatros, leva seu extremo a ponto de prometter casar-se com ella nestes tres dias; porque elle o prometteo, senhora; horas depois, deveis ir com vosso marido á casa do conde, lá, vos affianço, encontrareis Elmano e tereis com elle uma entrevista; o resultado della nós o saberemos! Quanto ao mais eu me encarrego de Rosina!

MARQUEZA DE ONOFRE.

E me restituircis Elmano?

BENTO DA SILVA.

Dai-me a vossa mão. (A marquiza dá-lhe a mão.) Marquiza, eu vos restituirei Elmano, ou o tornarei desgraçado!

MARQUEZA DE ONOFRE.

Bento da Silva, eu vos entregarei a ousada Rosina. (Vão-se.)

SCENA VII.

ALFREDO (saindo do gabinete):

Marquiza, acima de nós está a Providência, evós, Bento da Silva, tinheis esquecido Alfredo de Castro.

(Desce o panno.)



## ACTO III.

O theatro representa o salão do conde Elmano; este acha-se sentado em uma poltrona junto a uma meza em que se deve achar uma carta aberta; o conde tem os olhos sobre essa carta, e parece meditar.

### SCENA I.

O CONDE ELMANO só, e depois de algum tempo.

Será possível que eu, que ha tantos annos, tenho vivido sempre respeitado, sempre apontado como um dos primeiros da nobreza, como o modelo dos cortezãos, tenha de corar de vergonha e de opprobrio perante um filho a quem dei o ser para minha desgraça, perante a côrte, perante o autor d'esta carta que veio lançar a deshonra e o desassocego em minha alma? Oh! não; (*erguendo-se*) ainda é o mesmo o sangue que me gira nas veias, ainda se não manchou o nome que possuo, e que tenho sabido respeitar; ainda são as mesmas as glorias dos velhos fidalgos d'esta casa, e se esse filho, que para minha vergonha existe, teve a audacia de jogar o que mais respeito nas praças publicas, se se profanou meo nome nos labios de uma cantora, tremia de ouvir-me esse mancebo (*com todo o furor*) porque de mim proprio tremerei (*chega-se a uma meza e teca uma campainha*).

### SCENA II.

O MESMO, E UM CRIADO (*entrando*).

O CRIADO.

As vossas ordens.

CONDE.

Dize a meo filho que venha immediatamente fallar-me.

O CRIADO.

Vossas ordens serão cumpridas. (*Parte.*)

### SCENA III.

O CONDE só, pegando na carta.

E essa mulher que ousou sem pejo maguar-me que se guarde de mim, porque serei o seo demonio, o seo perseguidor, o seo carrasco, se possivel fôr! Que fatalidade, meo Deos, em uma cidade em que abunda tanta gente nobre, haver uma cantora, uma mulher dos bastidores, uma prostituta, que merecesse a confiança de meu filho! Que fado horrivel parece pesar sobre

a cabeça desse louco que não previo o impossivel desse amor, o obstaculo immenso, e incommensuravel, que o separava d'essa mulher! Escarneo! Um nobre que sempre costumou te-las como suas amantes, contemplar seu filho aos seus pés estendendo-lhó a dextra! Mizeria, meu Deos, para quem como eu sempre lhes atirou ao collo o ouro, e algumas horas de esparديو!...

### SCENA IV.

O MESMO E ELMANO (*entrando*).

ELMANO.

Mandaste chamar-me, eis-me aqui, senhor, prompto a receber com a humildade de um filho as vossas ordens pateruaes.

O CONDE.

Elmano, conheces o teu nome?

ELMANO.

Tanto quanto hei mister, para sabe-lo respeitar.

CONDE.

Esqueceste essa educação que ha vinte annos, me tem custado os maiores trabalhos, e encanecido os meus cabellos?

ELMANO.

Para que a esquecasso era mister esquecer-me de um pai, e a esse eu tenho sempre idolatrado.

CONDE.

Deslebraste que um mancebo como tu illustre, nunca negou a verdade nem por méro gracejo?

ELMANO.

Nem por méro gracejo neguei nunca a verdade, mas se vos vejo interrogar de um modo tão estranho, comtudo ainda não vi razão para isso. Por ventura tendes alguma queixa de mim, senhor?

CONDE (*entregando-lhe a carta*).

Lêde e dizoi a verdade.

(*Elmano á porpoção que lê, descora e treme.*)

CONDE.

Então que dizes a isso, senhor?

ELMANO.

Unicamente que esse que se enroupa nos andrajos de um anonymo para, por meio de um serviço infame cahir em vossas graças, é um vil, um insolente, um cobarde, que não será capaz por certo de dize-lo a descoberto, e em minha presença.

CONDE.

Dize antes que esse que foi buscar o anonymo para me apontar um abismo em que hieis cahir, sepultando a minha nobreza, é um nobre cavalheiro, que nunca quiz que o conde Elmano corasse de vergonha perante elle possuidor da infamia de seo filho.

ELMANO.

Senhor!

CONDE.

Dize antes um cavalheiro que ainda não sepultou como vós no pó das ruas os nobres brios de seus antepassados; um homem enfim, a quem como a vós, nunca lhe faltou dignidade para morrer mil vezes antes do que querer collar seo nome com o nome *(em desespero)* de uma mulher prostituida!

ELMANO.

E' demais, senhor, attendei a que sois pai, e a que sou filho, attendei que as vezes a razão desaparece, e a paixão domina, por piedade, senhor, não falleis mais! . . .

CONDE.

Insolente! Não vês que quem te falla póde agora mesmo lançar-te a maldição, mas que? Por ventura não estás tu já amaldiçoado!

ELMANO.

Meu pai, piedade! Ouvi-me e julgai. Minha vida foi sempre colhida entre o rir e o prazer, nunca conheci o dissabor. O vosso ouro, e o vosso poder tinham aberto um caminho assaz curto para que levasse a effeito todas as minhas leviandades. Aqui uma conquista que para outro seria difficilissima, para mim era facilissima; acolá, um desejo para outra mais que caprichoso, para mim era a cousa mais natural do mundo. Nunca encontrando obstaculos sempre encontrava o que pretendia realizar, assim, senhor, vivi sempre. Vós mesmo ouvisteis o rumor de minhas conquistas; os vossos salões mais de uma vez echoarão dous nomes entre o rir de vossos convivas, esses nomes erão o meo e o de alguma pobre victima dos meos caprichos; isso não podia durar muito, com-

preendeis certamente que meo coração não podia amar por esse modo realmente, e que todavia realmente eu amaria uma vez. Uma noite, os cartazes, e os jornaes do dia noticiarão uma estrea importante no nosso theatro lyrico; a fama da belleza da cantora que ia estréar unida aos elogios feitos aos seus talentos, e á sua bella reputação, levarão-me com empenho ao salão lyrico atópado de povo atrahido pela celebridade d'essa belleza. Subio o panno e appareceo entre o enthusiasmo dos applausos enviados no perfume de odoríferas flores, uma mulher, senhor, que pelo seo olhar, seo porte, seo sorriso, o seo canto transmudou todo o meo ser, esse anjo roubou-me o pensamento. . .

CONDE.

Dize antes: — esse demonio infamou-me para sempre. . .

ELMANO.

Meo pai, contende vossa desesperação, o ouvi: pedisteis a verdade, eu vol-a dou senhor.

CONDE.

A cabai depressa essa narração vergonhosa.

ELMANO.

Será para aquelles que nunca sentirão palpitar um coração limpo de torpezas.

CONDE.

Acabai, acabai depressa.

ELMANO.

Eu termino, dizendo-vos que amei a essa mulher, que ella corresponde-me com idolatria, e que honrada como é, limpa e pura desses crimes que por abi abundão, exigio a minha mão; confesso senhor, empenhei com a palavra de fidalgo que sou, a mão do mancebo apaixonado.

CONDE.

Mizeravel! E como esqueceste que serei capaz de tudo para lavar semelhante affronta.

ELMANO.

Mizeravel seria eu, senhor, se vendo uma virgem casta e pura, amando-a e sendo amado, tendo provas de sua virtude angelica, quizesse ser tão vil e baixo, que a sacrificasse ao vosso nome só porque é uma artista!

CONDE.

Desgraçado! Mais digno de cingir o punhal do sicario, do que essa casaca do nobre e illustre!

ELMANO.

Senhor, piedade!

CONDE.

Cobarde e indigno que nasceste para te ornares muito antes com a libré do poviléo, do que com os sóros do minha illustre stirpe.

ELMANO.

Senhor, compaixão!

CONDE.

Perverso, assassino que não tremes em erguer o punhal parricida, para me traspassar o seio!

ELMANO.

E' demais, senhor, não sou digno dos vossos insultos, e se abusais do poder que tendes, do nome de um pai, eu tambem me esquecerei do que sou, para vos dizer bem alto, que tudo isso que dissesteis são aquelles que usando da mascara de setim de nobre e illustre, profanão a moral e a religião, desgração e perdem a humanidade, julgando-se só porque tem sóros, e pergaminhos com habilitações para serem os Néros do genero humano. (*O conde vai-se erguendo tremulo e convulso.*) Que tudo isso que dissesteis são aquelles que encubertos pelos bordados de seos sardões, manchão o rasgão o branco véo da virgindade, cuspiendo nelle todo o veneno que contém os seos corações perversos!

CONDE (*erguendo-se furioso*).

Maídito sejas tu, filho filho malvade! . . .

SCENA V.

O MARQUEZ E A MARQUEZA DE ONOFRE que se precipitão em scena ouvindo as ultimas palavras do conde, e os mesmos.

ELMANO (*prostrando-se*).

Perdão, senhor!... Foi vossa a culpa.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Suspendei, conde.

MARQUEZ.

Por quem sois, Sr. conde, suspendei (*O conde deve operar em seo semblante a mais perfeita transmutação, e Elmano deve achar-se de pé com a cabeça entre as mãos.*)

CONDE.

Não foi nada, meos amigos, um momento de cólera e nada mais; sentai-vos, marquez; marqueza, por quem sois, deixemos as cerimoniaes. (*Indo para Elmano e baixo.*) Recolhei-vos ao vosso quati e não saiais para fóra de casa, eu o ordeno. Espero que não me fareis tambem corar diante do meo porteiro, chamando-o para vos prohibir a píssagem. Retirai-vos.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Esperai, senhor, eu tenho que fallar-vos em particular, e se fosse possível. . .

MARQUEZ.

Talvez que o incommodeis, marqueza.

CONDE.

Marquez, negocios para nós de summa importancia demandão a vossa presença em meu gabinete; deixemos a marqueza a sós com meu filho, e sigamos; preciso de vós.

MARQUEZ.

Oh! meo caro conde, estou todo as vossas ordens. (*Vão-se.*)

SCENA VI.

ELMANO *cahe sobre uma poltrona, apoia a cabeça entre as mãos, e parece meditar profundamente.* A MARQUEZA *aproxima-se a elle, e toca-lhe no hombro.*

MARQUEZA DE ONOFRE.

Entim, eis-me junta de vós, e prompta a ouvir-vos; julgasteis que podieis zombar do meo amor, esquece-lo, sem nem ao menos dar uma razão, inventar uma intriga d'estas que usão os falsos para abandonarem suas amantes importunas; enganai-vos, porque se vos não amasse, não esperaria que me abandonasses e se vos venho procurar na vossa propria casa, vedes bem mancebo, é porque ainda vos amo e mais que nunca! Comprehendeis agora que não entregarei á mercé de outrem, de uma rival, o cavalheiro predilecto dos meos caprichos de mulher, e que se alguem quizer disputar o terreno será renhido o combate. Uma mulher quando

ama não conhece o que deve fazer, mas sim o que quer; não se importa com o dever que prohiibe, mas com o sentimento que ordena, despreza o sorriso dos importunos que motejão, porque sorri nos braços do amante que idolatra, e assim por diante, desconhece perigos, não tem consciencia dos males que pratica, remorsos dos crimes que consuma, e se por acaso o objecto do seu amor esquece-se de suas juras, para jurar a uma cantora votos que lhe não pertencem, põe em campo tudo quanto a razão conhece de horrivel sobre a terra!

ELMANO (*erguendo-se*).

Marqueza, tende piedade de mim; escutai ainda uma vez as palavras tristes de um desgraçado, que maldiz a hora de sua existencia! Oh! estou certo, senhora que ainda do vosso coração se não apagarão as chammas do sentimento mais sublime d'este mundo, a compaixão, senhora, tende compaixão do infeliz!

MARQUEZA DE ONOFRE.

Não é essa a linguagem que quero ouvir, não são essas as palavras de outr'ora; entretanto a minha linguagem é a mesma!

ELMANO.

Piedade, senhora, se um dia talvez embuido com os fervidos sonhos da mocidade, se um dia animado pelos vãos desejos das conquistas amorosas, eu caí aos vossos pés pedindo-vos um amor que não sentia por vós. Perdoai, senhora, eu de joelhos vos peço (*ajcelha-se*), se vos fiz lançar por terra deveres sagrados, votos sollemnes, para nos braços de um homem, que vos queria por passatempo, e para gloria de suas conquistas; commetter um crime!

MARQUEZA DE ONOFRE.

Elmano! Vede bem o que dizeis. Se por acaso eu me chegar a convencer, que me quizesteis por passatempo, fingindo amar-me com excesso, tremei da minha maldição, porque arrastará consigo a tempestade, e o raio da vingança.

ELMANO.

Então maldizei-me porque enganei-vos, porque menti-vos, porque fui indigno; soltai a tempestade, e o raio de vossa vingança, porque a mereço demais, marqueza!

MARQUEZA DE ONOFRE.

Ah! E não temeis a desgraça, não vos espantais com o orizonte negro que pôde por ventura ameaçar-vos com todo o horror da desventura?

ELMANO.

Não posso ser mais desgraçado do que sou, senhora!

MARQUEZA DE ONOFRE.

Decidi de vossa sorte, eu vos amo, amai-me, ou preparai-vos para ter por inimiga e perseguidora uma mulher desprezada; lembrai-vos bem, senhor, desprezada!

ELMANO.

Não vos amo; pedi a mulher que se diz desprezada piedade, so m'a negar, acceitarei todo o peso de sua vingança, como tenho supportado o peso do infortunio!

MARQUEZA DE ONOFRE.

Mas sois muito vil senhor em lançar por terra votos tão sagrados como os meos, para troca-los pelos votos de uma cantora, que os céde a cada instante, por qualquer punhado de ouro.

ELMANO (*desconcertando-se*).

Tomai cautella marqueza. Tendes dito tudo quanto tendes querido, e tudo eu tenho ouvido; mas agora fallais de Rosina, da unica mulher que amo sobre a terra, cautella, marqueza, cautella!

MARQUEZA DE ONOFRE.

Ameaçais-me! Ah! Ah! Ah! Como seria bonito ver-vos lançar, sobre a minha corôa de marqueza, alguma nodoa, por causa de uma perdida que canta para ganhar a vida, isto é, que faz vida entre os bastidores.

ELMANO (*em tom forte*).

Callai-vos, nem mais uma palavra, nem mais uma palavra!

MARQUEZA DE ONOFRE.

Mandais-me callar, oh! como seria bonito se eu vos obedecesse, como é interessante um louco e pobre enamorado atado por falsos laços tecidos por...

ELMANO.

Pobre louco que vos atura a insuportavel descortezia com que fallais, que vos não brada aos ouvidos, marqueza ereis vós a que devieis fazer vida entre os bastidores porque commetteis devassidões espantosas! Rosina era digna de muito mais do que uma corôa de marqueza, ella é pura e virtuosa. Mas vós sois incensada porque sois marqueza, podeis tudo fazer, porque sois nobre,

porque tendes brasão, e lacaios para dispersar o povo que murmura, e ride sempre de vossos proprios crimes, porque nunca encontrasteis quem vos dissesse que sois uma mulher compromettida...

MARQUEZA DE ONOFRE.

Senhor!

ELMANO.

Porque nunca chegou aos vossos ouvidos o rumor do povo que diz ao ver-vos passar—lá vai a meretriz dos aristocratas.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Senhor!

ELMANO.

Porque nunca vos encontrasteis com um cavalheiro, que faco a face, leal e franco, sem temor vos dissesse—marqueza eu não vos posso amar porque pertenceis a muitos!

MARQUEZA DE ONOFRE.

Os insultos queimão mas eu vos juro que elles atearão fogueiras.

ELMANO.

Rosina é pura, é candida não tem sobre a fronte como vós o stigma da perdição, e não profirais seu nome, que temo o mancheis ao sahir de vossos labios impuros.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Atiras-te-me a luva infame e vil cavalheiro, eu a levanto, e o combate vai ser terrivel.

ELMANO.

Eu vos desprezo senhora.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Eu farei Rosina desgraçada.

ELMANO.

Não será tanto como vós.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Pela ultima vez, eu vos amo, o que sinto por vós não posso exprimir, tudo esquecerei, mas tende piedade, eu vos imploro de joelhos; (*ajoelha-se*)... Dai-me um só momento de prazer, um só instante de ventura, e sede feliz.

ELMANO.

Perdei essa louca esperança, já vos não deixo unicamente de amar, odeio-vos!

MARQUEZA DE ONOFRE (*erguendo-se*).

Oh! não sabes o que póde a Marqueza de Onofre.

ELMANO.

Eu a abomino!

MARQUEZA DE ONOFRE.

Ella vos enviará o veneno de sua perseguição de envolta com o punhal do seo ressentimento.

ELMANO.

O veneno achara o antidoto de minha fé e crença, e o punhal quebrar-se-ha de encontro ao escudo de minha resignação.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Eu vos deixo, veremos cavalheiro até que grão irá vossa locura, até que ponto tereis força para lutar com uma inimiga como eu, preparai-vos! (*Sake.*)

ELMANO.

Vai-te monstro dos monstros!

SCENA VII.

ELMANO (*só*).

Oh! Quanto é cruel a humanidade, meo Deos, que não comprehende o soffrer do coração humano! Quanto é barbara essa sociedade, serpente horrivel, que se atavia com flôres, que se veste com sedas para illudir-nos e perder-nos com os seus dentes envenenados! Oh! vãos preconceitos sociaes que tanto mal nos fazem! (*Pausa e meditação*). Mas vós que viveis adorando o ouro, o só o ouro, tomai cautella, que um dia como eu ameis, e que esse amor sendo uma virtude, pareça um crime para a sociedade em que vivemos... Que digo eu? Em corações em que se funde o bronze da insensibilidade, poderá acaso exstir um atomo desse santo sentimento que nos extasia, e que nos prende? . . Rosina, nome querido, que distinguis aquella a quem amo, dizei como passa ella? Sem saber porque lhe não fui lançar aos seus pés, os meus constantes protestos? Eu bem vejo a mizera soltar os seus suspiros de envolta com seo pranto, já me julga traidor, talvez já me amaldição, julgando-me esquecido de seus ca-

rinhos, de sua paixão, e de seus ais ! . . . (Pausa). Não ; embora, meu pai, não é possível cumprir tais ordens . . . Que reis que me sacrifique, quereis que me fine entre as paredes sombrias e pesadas de vossa casa, para vós bella e encantadora ! Ah ! Esquecesteis que amais o ouro, e as grandezas, e que eu desnaturado por certo ódio o metal, e aborreço essas illusões humanas ! No entanto sois pai, sou filho . . . (Pausa.) E porque não nasci eu pobre, e desconhecido camponez, só tendo por nobresa o meu trabalho, e por fortuna o fructo delle ! Porque não nasci na miseravel rede de algum pobre pescador, que por nobresa me d'esse as suas redes, e por capitães o suor do seo viver laborioso ? Então, seria livre, e amado por ella. Vãos sonhos de minha imaginação, não vêdes que sois nobre, rico, e potentado, que vosso pai é um conde, e a mulher que amais uma cantora ? ! Ah ! Ah ! Ah ! Eu vos despedaço vis mantos que encobris debaixo da capa da nobresa a vergonha, e o crime ; eu vos detesto horrivel estatua das riquezas aonde vão incensar a estupidez e o idiotismo, a malvadeza, e o sangue ! Dissesteis bem, meu pai, eu não devo viver entre tanta corrupção. Elmano não pôde admittir vossos principios, Rosina é mais nobre que vós todos. (Vai-se.)

SCENA VIII.

O MARQUEZ, A MARQUEZA DE ONOFRE E O CONDE.

CONDE.

E' horrivel a situação de meu filho, e vós onde estaveis, que me não previnistes mais cedo ? Maldição ! Sou capaz de tudo para prevenir essa loucura.

MARQUEZ.

A' fé, conde, que soube disso ainda ha muito pouco tempo.

CONDE.

E agora o que farei, o que é mister para desviar esse louco do precipicio a que chegou ? Dizei-mo, dizei-mo Marquez ! Peço-vos um serviço de amigo, vós por certo não mo negareis !

MARQUEZ.

Pordeai-me, mas nestas questões tão melindrosas sempre se receia . . . vós bem sabeis, conde, sois pai, mais tarde ou mais cedo deve haver uma conciliação, entretanto em vosso filho terei sempre um inimigo capaz de tudo . . .

CONDE.

Desamparais-me, não é assim ? que vos importa que meu filho

se enlameie com os trapos da vendida, elle nada vos é, vós nada tendes com isso, no entretanto eu contava comvosco Marquez !

MARQUEZ.

Oh ! não me injurieis por tal medo ; a vossa situação vos cega, attendendo ao presente eu vos daria immediatamente um conselho, mas depois do presente vem o futuro, é o futuro que eu temo, conde.

CONDE.

Oh ! não vos importeis com meu filho em nome da nossa amizade de trinta annos . . .

MARQUEZ.

A minha posição é critica, dai-me tempo para pensar !

CONDE.

Oh ! já não posso contar com ninguem ! . . .

MARQUEZA DE ONOFRE.

Enganai-vos, senhor, contai comigo.

CONDE.

Será possível que vós . . .

MARQUEZA DE ONOFRE.

E' certo que vos darei o conselho unico para o ponto a que chegarão as cousas, e senão fôr elle aproveitavel, nada resta a fazer, senhor, senão resignar-vos com a vossa sorte e com a desgraça de vosso filho.

CONDE.

Eu vos beijo as mãos, Marquez, e peço-vos com todo o affan de um pai, que me digais o que é mister fazer. A gratidão, senhora, nunca me foi esquecida, dai-me remedio para o mal, que vos serei extremamente grato.

MARQUEZ (aparte).

Que diabo dirá ella ?

MARQUEZA DE ONOFRE.

Attendei-me.

CONDE.

Eu vos attendo.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Minha sobrinha, filha de um dos mais illustres fidalgos desta cõrte, e vosso amigo o barão de Franca, devo chegar hoje para passar o verão comigo ; comprehendei, que vosso filho nem por sonhos poderá resistir a uma ordem determinativa de seo pai, e no caso em que nos achamos, sò um casamento, um facto publico e solemne poderá rehabilitar a vosso filho perante a opinião publica. Além disso sabeis perfeitamente que minha sobrinha Emilia, é bella, prondada e tem por dote, além das galas da um nascimento illustre, um capital de duzentos contos de réis ! Eis o que vos aconselho ! (*Aparte.*) Eu o farei desgraçado, e lhe roubarci Rosina.

MARQUEZ.

Mas atterdei, marqueza, que no estado de desesperação em que se acha Elmano, uma desobediencia é muito possivel, e por consequencia mais gravidade apparecerá na sua posição.

CONDE.

Desobedecer-me, dizeis vòs ? que não pense elle nisso, porque então perderia a ultima parcella de paciencia que me resta ! Eu o chamarei á minha presença, lhe apresentarei á sua noiva, dizendo-lhe :— E' a Exma. Sra. D. Emilia, filha do Sr. barão da Franca ; a minha palavra está empenhada a esse senhor, para o casamento de sua filha comvosco, recebei a sua mão, como recebereis amanhã no altar o titulo de seo esposo.

MARQUEZ.

E se elle lhe responder que sua mão já lhe não pertence, por que a empenhou ; o que fareis ?

MARQUEZA DE ONOFRE.

Não será a unica victima arrastada a esse acto, senhor ; demais, bem sabeis que o ponto è de honra.

CONDE.

Deixai isso a meo cuidado ; a belleza o juventudo de vossa sobrinha, e o seo capital, farão recuar meo filho de tão negra idéa, e quando não queira por bem, eu o farei querer por força.

MARQUEZ.

Vòs não comprehendes a força da paixão que tem arrastado vosso filho para essa cantora, e é a razão por que fallais assim.

CONDE.

Eu vos mostrarei qual de nós è o que se engana.

MARQUEZ.

Eu vos considerarei o mais feliz dos homens, se conseguirdes o vosso intento.

O CONDE.

Eu o serei com o auxilio da Providencia.

MARQUEZA DE ONOFRE.

E' mister que se prepare tudo, eu cuidarei dos arranjos de minha cara sobrinha, pois deveis comprehendere que casamentos como estes são ditos e feitos.

CONDE.

Da apresentação ao altar mediarão sòmente vinte e quatro horas.

MARQUEZ.

Procedei com prudencia, conde, não vos esqueçais de que soi pai.

CONDE.

O que quero fazer prova demais que o sou.

MARQUEZ.

Bem ; está lavrada a sentença, e vos conheço assaz para esperar recursos !

MARQUEZA DE ONOFRE. (*Aparte.*)

Muito bem ; principio a vingar-me, o trovão já ronca ao longe, e o raio não tardará a cahir.

MARQUEZ.

Senhora, já è um pouco tarde, e o conde precisa descansar.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Vamos. (*Dando o braço ao marquez e indo para o conde.*) Fica certo que a amizade que vos tenho è inalteravel.

CONDE.

E a minha gratidão, cara marqueza, será eterna. (*Vão-se.*)

SCENA IX.

ELMANO E ALFREDO entrando vivamente em scena.

ELMANO.

Dizei depressa, Alfredo, não temais nada, já sou escravo da

desventura, e tenho força para supportar todos os revezes, dizei o que aconteceu, por acaso Rosina atraçou-me?

ALFREDO.

Ao contrario, é por muito vos amar que corre agora todos os perigos, o tempo urge, esculai-me.

ELMANO.

Fallai.

ALFREDO.

Um homem horrivel collocou-se entre vós e Rosina, esse homem cúmplice da marquezia de Onofre, é além de tudo seo rival.

ELMANO.

O nome desse homem?

ALFREDO.

Bento da Silva, o autor da carta anonyma.

ELMANO.

Cautella marquezia, porque se a victima desespera, facilmente as scenas se hão de mudar.

ALFREDO.

Calmai-vos, ouvi-me, não ha tempo a perder. Bento da Silva aproveitando-se da vossa prisão, foi a casa de Rosina, deo todos os vossos signaes, repelio como provas, algumas palavras da vossa conversação do baile contou tudo que vos aconteceu, e apresentou-lhe um bilhete, com a letra completamente falsificada, no qual pedieis que se fiasse no seo confidente, e que fizesse sem temor o que elle lho pedisse. Bento da Silva pede-lhe que se apronte ás onze horas da noite, que um carro a conduzirá a uma capella onde esperareis impaciente de ventura, e que então terminaria o infortunio para dar logar ás delicias de um amor tão feliz, que o resto ao depois vós lhe dirieis . . . .

ELMANO (*em desespero*).

E Rosina o que respondeo? . . .

ALFREDO.

Illudida por um trama tão bem urdido disse que sim e ás onze horas a pobre victima estará nas mãos do seo algoz!

ELMANO.

Oh! isto é horrivel; Alfredo, as minhas pistolas e vamos es-

nigathar o craneo desse bandido, oh! que não possa trincar-lhe o coração, beber-lhe o sangue! Infame! Mas que? ainda estou aqui, eu parto, eu lirei ao seu encontro, e que se guarde de mim... (*Precipita-se para sair e Alfredo o sustem.*)

ALFREDO.

Não, não partirás, porque com isso perderás Rosina.

ELMANO.

E é ficando aqui calmo e impassivel, abandonando a preza ao seo algoz, que não perderei Rosina? Alfredo senão fôra a amizade tão antiga, se não visse que deliras, eu votaria-te eterno desprezo. Deixai-me sair, quero com as minhas mãos esbofetear esse sicario...

ALFREDO.

Quem delira és tu, Elmano, não ves que teo pai prohibio-te expressamente o sahir de aqui, esquecete por acaso que antes de Rosina existe teo pai, e que se deres um passo além daquella porta elle te amaldiçoará, procurará tua amada e fará d'ella o alvo de sua perseguição, de ti, réo de desobediencia ás suas ordens...

ELMANO.

E poderá chamar-se pai aquelle que quer roubar-me o unico elemento de vida que possuo, que quer arrastar-me á borda de um abismo tão negro como é o suicidio!

ALFREDO.

Louco! e porque não queres attender a razão, porque te não disvendas não suffocas essa tempestade que troveja em teo coração, para com prudencia estudar o perigo e remove-lo; reconciliar o amor com o dever, obedecer a um, e salvar o outro!

ELMANO.

E como, Alfredo, como se fará isto? Não ves que tudo me persegue, que além de tudo estas quatro paredes são tão negras e estreitas para que possa brilhar e expandir-se um sentimento tão puro como o meo! Oh! nunca amastes, nunca sentistes voltejar em torno do leito uma imagem querida que te roubasse o somno para deixar-te as illusões tão bellas de um futuro feliz de apaixonado, nunca ouvistes o palpitar amoroso de um seo de virgem pura e casta opprimir teo coração confundindo todo s os seos desejos com seo fruir de innocencia; nunca sonhastes o repousar a frente escandecida pelas dores de uma paixão sobre o collo daquella que amasses e ahi adormecer embalado pelas notas do seo canto sublime! Deixa-me sair, Alfredo, em nome de tudo quanto presas sobre a terra!

ALFREDO.

Não sahirás daqui sem que tornes a ti.

ELMANO.

Quero salvar Rosina, castigar o traidor . . .

ALFREDO.

Para isso é bastante aquella a quem votastes uma santa amizade, uma inteira confiança; eu hirei com meos amigos á casa de Rosina, e prevenirei o crime que se prepara, ahí darei o merecido castigo ao culpado, que mais queres?

ELMANO.

Mas esse é o meo dever, só eu sou o que devo salvar-a, e tu não me roubarás esse momento de ventura; se é mister que te implore, se já nada vale a amizade em que fallas; rogo-te um instante de liberdade para salvar-a, para de novo protestar-lhe toda a constancia do meo amor, oh! deixa-me a liberdade, Alfredo.

ALFREDO.

Primeiro do que tu, appellei para a amizade, e senão concedo em nome della o que me pedes, é porque em nome della só trabalho para tua felicidade!

ELMANO.

Pois empregarei a força; eu vos mostrarei que não hei mister de alguém para praticar aquillo que penso ser util.

ALFREDO.

Não darás um passo daqui; senão o quizeres chamarei teo pai; será mister ameaçar-te para obdecer?

ELMANO.

Será possível que até tu me desampares?

ALFREDO.

Por querer o teo bem; talvez um dia mais calmo me agradeças. O tempo urge, eu parto, e para que não façais alguma asneira, vou ordenar que se prohiba a vossa passagem para fóra daqui. Ados, Elmano, corro a salvar a metade do teo coração. (Vai-se.)

ELMANO (cahindo sobre uma cadeira).

Meo Deos! E' amargoso demais o infortunio que me deste!

(Desce o panno.)

## ACTO III.

O theatro representa um salão elegantemente ornado em casa de Rosina.

### SCENA I.

ANDRÉ, ARTHUR E FELIPPE.

ANDRÉ.

E' como vos digo, meos senhores, minha irmã não vos pôde fallar; desde o dia do baile que passa mal, e nem tem comparecido aos ensaios da opera.

ARTHUR.

Mas nós somos de casa, André, dizei a vossa irmã, que apenas queremos fazer os nossos cumprimentos, e offertar-lhe o nosso ramo de cada dia.

ANDRÉ.

E' absolutamente impossivel, senhor, minha irmã não falla hoje a ninguem.

FELIPPE (aparte).

Este tratante está impondo do despota. Privar-nos de ver a mais bella cantora que tem havido em todo o mundo!

ARTHUR.

Já que nos é impossivel ter o gosto, e a honra de vel-a, significai-lhe os nossos mais sinceros prolestos e accetai este ramo, que lhe envia Arthur de Faria.

FELIPPE.

E isto que de coração lhe offerta Felipe de Souza.

ANDRÉ.

Vossos ramos serão entregues, e por ella vos agradeço.

FELIPPE.

As vossas ordens; saude e felicidade.

ARTHUR.

Eu vos cumprimento.

ANDRÉ.

E eu vos saudo, e vos desejo todas as venturas.

SCENA II.

ANDRÉ (só).

Ah! ah! ah! Estupidos, idiotas! Ah! ah! ah! E querem conquistar, e querem ser amados? E são estes os nobres, e ricos senhores, são estes os figurões que ripimpados nas macias almofadas do seo fofa coupé lanção o sorriso do desprezo sobre a virtude que pasa coberta com o véo da viuvez, e voltão a face á orfandade que esmolla! Miseraveis! Julgais que atirando com o ouro, vossos planos sejam todos consumados? Nada mais que envolver d'entro destes ramos um brilhante de valor e amanhã a virtuosa Rosina.... Oh! como vos enganais, como sois loucos....

SCENA III.

ROSINA *entrando* E O MESMO.

ROSINA.

O que tendes, porque gritais tanto?

ANDRÉ.

Não era nada, irmã; os cavalheiros que trouxerão os seus ramos de cada dia (*mostrando-os*).

ROSINA.

Oh! Como me enfada a pertinacia desses homens!

ANDRÉ.

Tende paciencia, custa a ganhar o pão honradamente.

ROSINA.

São os unicos que aqui vêm, e isto por serem amigos de Elmano. (*Estremece.*)

ANDRÉ (*atirando os ramos sobre uma mesa*).

Sempre que proferis esse nome, vosso semblante se transmuta; acaso amais esse mancebo?

ROSINA.

Callai-vos!

ANDRÉ.

Silencio! E para que? Serão traidoras as paredes que nos cercão? Em vossa camara alguem se occulta?

ROSINA.

Eu preciso desabafar esse sentimento que me acaba a vida, André, oh! perdoa se por tanto tempo t'o encobri.

ANDRÉ.

Falla.

ROSINA.

Eu amo! eu amo muito! eu enlouqueço de amor!

ANDRÉ.

O seu nome?

ROSINA.

Idolatro Elmano, e sem elle não posso ser feliz.

ANDRÉ.

Rosina, por acaso elouqueceste, não vês que neste paiz uma cantora é olhada com desprezo, que Elmano é filho de um conde, que nunca consentiria nessa união para elle desgraçada?

ROSINA.

E por acaso podia advinhar que neste paiz encontraria um joven, que com veras amasse, e fosse amado? Oh! se eu advinhasse...

ANDRÉ.

Esse cavalheiro quer divertir-se, não é assim?

ROSINA.

O homem a quem amo, irmão, é nobre e resolute.

ANDRÉ.

Elmano é filho de um conde orgulhoso de seus sóros.

ROSINA.

Por muito me amar acha-se a esta hora privado de sua liberdade, oh! comprehendeis agora porque soffro tanto. André, dai-me animo, aconselhai-me!

ANDRÉ.

Sois artista....

ROSINA (*interrompendo*).

Sou artista, pois bem, foi por isso mesmo que eu amei, foi por-

*Sois cada momento*

que gostei de ver o abismo entre o extremo de dois corações que se idolatram, é porque quero ver se uno esses corações mesmo por cima dos abismos, e de todas as barreiras! Sou artista, tenho poder para arrebatá-lo e entusiasmo de um publico inteiro que não respira quando me ouve, tenho magia para trazer aos labios milhares de bravos partidos de milhares de homens, tenho o poder de abalar as almas as mais duras, de mimoscar com o gosto o jogador das praças ou salões, e não poderei arrebatá-lo das mãos de perseguidores desalmados o amante querido de minha alma?

ANDRÉ.

A artista pôde tudo na scena, quando confunde seo canto com a celeste harmonia dos instrumentos, quando ergue a fronte altiva de *Abigail* ou de *Leonora* entre o triumpho offertado por uma platéa unanime em aclamá-la soberana das artistas, quando o estrondo das palmas, e o cruzar dos perfumados ramalhetes só explicão o enthusiasmo, e o jogo dos sentimentos internos, mas fóra da scena, longe das ovações, quando passa no seo carro pelas praças publicas, irmã, esses mesmos que a applaudem são os que a injurião.

ROSINA.

Ah! (*Prosta-se em uma poltrona.*)

ANDRÉ.

E já vedes que um conde não dará seo filho a...

ROSINA.

Callai-vos, eu vos ordeno!

ANDRÉ.

Eu vos deixo, e corro á casa do conde. Quero fallar com esse joven a quem amais, quero saber quaes são os seus designios. (*Vai-se.*)

SCENA IV.

ROSINA (só).

Meo Deos! Compedeei-vos de mim! Oh! quanto custa um padecimento como este? André, pobre André, mal sabes tu, que eu te abandono talvez para sempre. Dai-me coragem meo Deos! Eu o amo, eu farei tudo por elle, mas quando me recordo que para sempre vou deixar a arte... (*Pausa.*) Mas que digo eu? A arte, as ovações, o theatro, oh! não, não, eu não o deixarei! Uma artista deve ser sempre independente, não deve sacrificar a

irmã do seo coração, a predilecta de sua alma... Mas Elmano?... Ah! sim, eu sou delle, já lhe pertenco, eu jurei ser sua! (*Cahe sobre uma cadeira, e descança a fronte entre as mãos; dão dez horas em um relógio proximo.*) Faltta apenas uma hora e serei de Elmano, delle para sempre! Adeos scena, adeos, não esqueças os suspiros de tua perfida Rosina! Adeos, Bellini, Verdi, Donizetti, maestros queridos! Adeos, *Norma*, *Leonora*, *Lucia*, eu vos envio o derradeiro adeos de envolta com o pranto da saudade... Mas alguem se aproxima. Vejamos.

SCENA IV.

ALFREDO E ROSINA.

ALFREDO.

Perigo eminente vos ameaça, senhora.

ROSINA.

Aconteceria alguma cousa a Elmano?

ALFREDO.

Um homem vil por natureza, o demonio que por toda a parte vos segue, o autor de vossa desgraça, veio a esta casa, apresentou uma carta falsa de Elmano e quer arrebatá-vos d'aqui á instantes, esse homem é Bento da Silva; o que vos disse é a mais refinada mentira! O mais negro trama para possuir-vos!

ROSINA.

Isso não é possível, senhor, tenho provas evidentes do contrario.

ALFREDO.

Esse homem é um traidor!

ROSINA.

O traidor sois vós que ligado talvez ao conde....

ALFREDO.

Senhora!

ROSINA.

Eu sem susto seguirei o confidente de Elmano.

ALFREDO.

Serviços d'essa ordem nunca se pagarão assim; em nome do vosso amor não acompanheis esse homem!

ROSINA.  
Eu o seguirei até o encontro d'aquelle que d'entro em pouco  
será meo esposo.

ALFREDO.  
Esse acha-se bem guardado! A fê de cavalheiro não o vereis  
lão cedo.

ROSINA.  
Oh! Bem o dizia eu! Vós sois o complice do seo verdugo; o  
refalsado hypocrita que trajando o falso vestido do amigo cingis á  
banda o afilado punhal do mais vil, e miseravel traidor!

ALFREDO.  
Meo Deos! Restitui a razão a esta mulher.

ROSINA.  
São vãs vossas declarações, rio-me do vosso bem estudado  
papel.

ALFREDO.  
Persistis em acompanhar Bento da Silva?

ROSINA.  
Não vos auctorisei a interrogar-me!

ALFREDO.  
Nada mais vos peço e firmemente vos digo que o não acompa-  
nhareis.

ROSINA.  
Gracejais?

ALFREDO.  
A occasião é impropria senhora.

ROSINA.  
Pois então estais louco, e a resposta que vos dou, é que vou  
imediatamente sahir.

ALFREDO (*collocando-se em frente e obstando a passagem*).  
Perdoai-me, vós não sahireis d'aqui.

ROSINA.  
Deixai-me a passagem, senhor, pela ultima vez vos digo.

ANDRÉ.  
Eu não a deixarei em quanto tiver um unico instante de vida.

ROSINA.  
Soccorro. (*Grita.*)

SCENA VI.

ALFREDO obstando a sahida de ROSINA, esta e ANDRÉ atirando-  
se rapidamente na scena.

ANDRÉ.  
O que significa isto senhor?

ALFREDO.  
Nada mais simples, impedia que vossa irmãa comettesse um  
acto de loucura.

ANDRÉ.  
Explicai-vos senhor!

ALFREDO.  
Vossa irmãa queria abandonar a sua casa para seguir um trai-  
dor, que chegou a convence-la de que era confidente de Elmano, o  
qual o tinha enviado para conduzi-la (*puchando o relógio*) d'aqui  
a um quarto do hora a uma igreja proxima, aonde a receberia  
como esposa. Corri a avisar vossa irmãa, roguei que não seguisse  
esse homem; quiz levar por diante o seu intento, sem outro recur-  
so, embargava-lhe a passagem quando chegastes. Estou ás vos-  
sas ordens.

ANDRÉ.  
Alguns amigos vossos vos esperão na sala proxima; de coração  
vos agradeço cavalheiro, e peço-vos um instante de liberdade.

ALFREDO.  
Com todo o gosto. (*Para Rosina.*) Perdoai, senhora se vos  
offendi. (*Sahe.*)

SCENA VII.

ANDRÉ E ROSINA.  
(*Dão onze horas. Rosina estremecendo*) Ah! (*cahe em soluços  
sobre uma cadeira.*)

ANDRÉ.  
Então senhora?... Como é bello o vosso procedimento, como

são formosas as flores que ornão a vossa fronte antes tão pura, e tão casta? Eu estremecia de raiva ao ver a artista tão abatida entre os homens, esquecendo que a artista é que tanto se abate! Compadecia-me de vós... Insensato! que não via que os bastidores tem seducções, e que a atmosphera do scenario é pezada e ardente, que queima os cerebros e perde os corações! Tendes razão, Rosina, eu é quem era o inexperiente, o bobo com que jogastes vossos papeis!

ROSINA.

Basta; não mereço vossos insultos, sou tão pura como antes, não vos autorisei, nem tão pouco o meo procedimento, para que falleis assim.

ANDRÉ.

Basta; porque ouvi bater á face o portão do palacio d'esse conde quo me mandou repellir por seos criados; porque ouvi o vosso nome balbuciado nas saturnaes immundas, o manchado nos labios dos devassos! Alli, o bebado que cambaleia com o cópo em punho, vos convida a beber, derramando o vinho em vossos vestidos; acolá, o perdido seductor aposta uma nota do banco, contra uma moeda de cobre em como lhe haveis dourar os sonhos de uma noite proxima. Exultai, Rosina, vosso triumpho é sublimado!

ROSINA.

Meo irmão, meo irmão, eu não mereço tanto, perante Deos o juro!

ANDRÉ.

Não unais ao crime o sacrilegio.

ROSINA.

Que provas tendes para tratar-me deste modo?

ANDRÉ.

Perguntai ao infimo do povo quem é Rosina, e a resposta será a vossa vérgonha, o vosso castigo, e a vossa infamia!

ROSINA.

O povo esmaga a virtude, para incensar muitas vezes o crime!

ANDRÉ.

Mas quando a virtude existe, levanta a fronte com orgulho, ordena ao povo que se calle, e elle a respeita submisso.

ROSINA.

Pois bem, elle se calará.

ANDRÉ.

Podeis acaso callar esse povo, que não cança de infamar-vos com a deshonra, que lhe patentcastes? Qual é o mais desconhecido habitante deste paiz que não diga—que Rosina foi de Elmano, e que este casa amanhã com a sobrinha do marquês de Onofre?!

ROSINA.

Não calumniis Elmano....

ANDRÉ.

Amanhã melhor o sabereis.

ROSINA.

Meo Deos! Meo Deos! (*Desmata. As portas se abrem.*)

SCENA VIII.

OS MESMOS, ALFREDO segurando pela gola a BENTO DA SILVA, ARTHUR, E FELIPPE.

ALFREDO.

Eis-aqui este miseravel, que aguardava rondando a rua a occasião propicia aos seos designios!

ANDRÉ.

Como é infame o degradante o crime! Olhai, senhores, para o semblante deste homem, e vede como se remoc aquelle coração por lhe ter escapado a preza.

BENTO DA SILVA.

O que significa isto, senhores, hei mister de uma prova...

ALFREDO.

Calla-te, cão. se não queres que te espalife o craneo com esta arma. (*Mostra-lhe uma pistola André vai para junto de Rosina, e parece occupado em chama-la a si*) Arthur de Faria, entrega este homem a teos lacaios, e conserva-o em tua casa debaixo de boa segurança, para m'o entregares quando te pedir (*rollando-se para BENTO DA SILVA.*) Que hade ser no dia da felicidade de Elmano dando-te a liberdade, ou no de sua desgraça enviando-te a morte. Vamos. (*Vão-se.*)

ANDRÉ (*erguendo Rosina e conduzindo-a para dentro*).  
Meo Deos! Como é fraca a'humanidade!

(*Desce o panno.*)

ACTO IV.

O theatre representa a mesma vista do segundo acto.

SCENA I.

O CONDE ELMANO E O MARQUEZ DE ONOFRE *entrando*.

MARQUEZ.

Então, como vai vosso filho?

CONDE.

Triste e mettido comsigo.

MARQUEZ.

Tomai cautella, vosso filho é muito joven.

CONDE.

Deixai-vos disso, marquez; fei uma asneira de criança.

MARQUEZ.

Não sei se andais errado, meo caro conde. A mocidade tem seos caprichos, e a idade de vosso filho é uma idade critica. Quando se tem vinte annos, quando o coração virgem geme com o pezo de uma paixão nova para elle, a febre do amor escalda a fronte, soffoca a razão, e venda os olhos. Conde, o delirio em uma febre ardente é muito perigoso; poderá desaparecer com poderosos calmantes, será fatal com o emprego de excitantes energicos, vós abandonais aquelles para seguir estes; andais errado, meo amigo.

CONDE.

Não sede criança. A mocidade é por si mesma inconstante, esquece cedo os seos maiores prazeres.

MARQUEZ.

Pois bem; responsabilisai-vos vós e a marquezia, pelo que succeder, quanto a mim desde já lavo as mãos.

CONDE.

Obrais melhor assim; conto com a obediencia do meu filho.

MARQUEZ.

Já communicaste a Elmano a vossa resolução?

CONDE.

Já o mandei chamar para participar-lhe o que intento fazer.

MARQUEZ.

Sabeis que minha sobrinha chegou hontem, e que concorda com sua tia?

CONDE.

Tanto melhor; e quando terei o gosto de ve-la?

MARQUEZ.

Daqui a duas horas; eu vim unicamente participar-vos, emquanto ellas se preparão.

CONDE.

Tanto melhor. Devo muito a vossa mulher. Sr. marquez, sempre a terei em lembrança.

MARQUEZ (*olhando para o interior*).

Vosso filho se aproxima, e eu deixo-vos em liberdade. Adeos, conde, ás vossas ordens.

CONDE.

Adeos, recommendai-me á vossa esposa, e sobrinha, e acceitai todo o meo reconhecimento. (*O marquez sahe.*)

SCENA II.

O CONDE, E ELMANO *entrando*.

CONDE.

Mandei-vos chamar para conversar comvosco sobre cousas muito importantes, e que tendem á vossa felicidade. Escutai-me.

ELMANO.

Estou pronto a ouvir-vos, senhor.

CONDE.

Sois rico, e tendes um futuro brilhante, é pois mister que

abraceis um partido qualquer, pois já provastes o fructo da ociosidade

ELMANO.

Não vos comprehendo.

CONDE.

A mocidade a par do seo viço, tem seos perigos; mais facilmente resiste ao furacão o velho carvalho do que a tenra planta, que vem de florescer. Assim, se a mocidade é bella, se é invejada, está também sujeita a mil tropeços, a mil perigos dos quaes se acha a abrigo a prudente velhice, e o bom pai de familia. Elmano, balançaste entro abismos, e estavas prestes a precipitar-te no mais negro delles, se a rugosa mão do teu pai não te arrancasse para fóra do perigo. E's o mesmo ainda, amanhã talvez que caiais n'outro, é pois urgente um meio infallivel de salvação, e este é tomar um estado, é prender-se a uma afeição santa, e terna, que ao depois com a próle se tornará mais sublime. Enfim, Elmano, para encurtar razões, hoje serás apresentado a tua noiva e amanhã serás seo esposo.

ELMANO (*tornando-se pallido*).

O que dizeis meo pai? Isso é impossivel! Exigi a minha vida, eu vol-a darei com gosto; pedi o meo sangue, elle até a ultima gotta será vosso; encerrai-me entre quatro paredes, privai-me da luz do dia, do pão, e da agua, tornei-me o mais desgraçado de todos os homens. .. Mas, por piedade, não me façais perjuro. (*Esconde a cabeça entre as mãos.*)

CONDE.

Julgava que vossa razão já de todo estava restabelecida, e queria casar-vos como homem de juizo, infelizmente vejo que terei de casar um louco.

ELMANO (*estremecendo e erguendo a fronte*).

Chamai-me de louco, de vil, tudo quanto quizerdes...

CONDE.

Amanhã serás esposo de Emilia, filha do barão de Franca, e sobrinha do marquez de Onofre. E' joven, bella, e de uma rara educação, além d'isso tem de dote duzentos contos de réis.

ELMANO.

Sempre o ouro a perseguir-me, oh! quanto é baixa a ambição dos homens, que não conhece a felicidade sem o cortejo da moeda!

CONDE.

Deixai-vos disso, senhor; empenhei a minha palavra de fidalgo em como amanhã haveis de ser o seo esposo.

ELMANO.

Eu tambem empenhei a minha, senhor!

CONDE (*rindo-se*).

A uma cantora!

ELMANO (*rindo-se tambem com ironia*).

Sim senhor, a uma mulher que não possui duzentos contos de réis!

CONDE.

Ordeno-vos que vos prepareis para o vosso casamento.

ELMANO (*tomando uma resolução*).

Pois bem, senhor, sacrificai vosso filho! Virá um dia em que uma noiva se revolverá no leito do noivado em convulsões do desespero junto a um cadaver! Este dia não está longe, meo pai, a noiva trocará em um relance a corôa, e o véo do noivado pelo crepe da viuva!

CONDE.

Não me assustão os vossos falsos projectos.

ELMANO.

Bem podia, senhor, desobedecer-vos, mas estou cansado de uma vida tão cruel, quero procurar no silencio do tumulo, o que não encontrei no tumulto da existencia.

CONDE.

Preparai-vos para a recepção de vossa noiva que deve ser d'aqui á instantes.

ELMANO.

Sim, senhor. Não tenho recursos, amanhã receberei a ultima benção do sacerdote de Christo. Oh! meo pai, tende compaixão d'essa pobre virgem que tremenda é a sua sorte!

CONDE.

Obedecei-me.

ELMANO.

A' fé de cavalheiro, meo pai, que sereis obecido. Eu vos agra-

deço, modelo dos pais, a vossa benção? (*O conde dá a benção, e Elmano parte pela porta do fundo.*)

SCENA III.

O CONDE (só).

D'aqui ha dias apostaria que não eras o mesmo manébo de hoje! Como é louca a mocidade! Se não fosse experiente no mundo, as palavras de meo filho talvez me fizessem retroceder, talvez hesitasse em levá-lo amanhã ao altar, dando-lhe uma noiva nobre, formosa, e rica, mas eu sei; tenho consciencia de que meo filho quando contemplar sua noiva, quando sentir a macia mão de Emilia descansar em seo braço hade não só amal-a com extremo, como envergonhar-se de ter se quer pensado em uma cantora! Oh! estou certo disto. (*Vai-se.*)

SCENA II.

ALFREDO, E ELMANO (*entrando*).

ELMANO.

Deixa-me Alfredo! Tudo está consumado!

ALFREDO.

Agora que salvei Rosina, e que tenho em teu poder o demonio que te malfadara os dias!

ELMANO.

Mas a marquezia existe em liberdade, e conseguio seos fins, está tudo consumado.

ALFREDO.

Como assim? explica-te!

ELMANO.

Nada mais simples: caso amanhã com sua sobrinha, e depois da amanhã serei um cadaver.

ALFREDO.

Estás louco! Por ventura já não tens essa coragem que entre tantos te distinguia! O infortunio te assombra, a desgraça te espanta, e o suicidio é o unico ponto de salvamento que encher-gas?! Elmano és um cobarde!

ELMANO.

Já me falleceo o animo gasto de encontro a tanto padecer, já não tenho coragem para existir!

ALFREDO.

Eu te desconheço, eu me envergonho de te chamar amigo.

ELMANO.

Já nada me admira!

ALFREDO.

Tua linguagem me é estranha.

ELMANO.

E' a linguagem do homem succumbido; é a linguagem do homem sem esperanças!

ALFREDO.

E Rosina, e o seo amor, e os teos juramentos?

ELMANO.

Descri do tudo! Não posso cumprir meos juramentos na terra, compri-los-hei no céo, na eternidade!

ALFREDO.

O suicida não tem céo, e a sua eternidade é uma longa cadeia enleada de martyrios.

ELMANO.

O martyr sempre teve a bemaventurança!

ALFREDO.

E para tudo isso é mister um casamento com a sobrinha da marquezia?

ELMANO.

E' o unico meio para vingar-me dessa mulher. Derramar-lhe sobre o peito o sangue que ella préza, trocar em uma hora a gala dos vestidos virginaes de sua sobrinha pelo luto da viuva; porque quero marcar a minha morte com uma desgraça para ella; dar uma lição a meo pai, trocar o esplendor das luzes do festim nupcial pela pallidez do lume dos finados; os cravos brancos e os botões de laranja em negros cyrestes, o riso dos convivas pelo canto lugubre dos padres; (*em desespero*) porque quero, emfim, fazer raiar o arrependimento dos máos por entre o gelo de um tumulto!

ALFREDO.

Elmano, sois mais do que um cobarde, sois um malvado.

ELMANO.

Deixo á viuva o meo ouro, que tanto ambicionárão. Obedeço ás ordens de meo pai.

ALFREDO.

Elmano, não blasphemés, em nome de Christo nosso redemptor!

ELMANO.

Deixai-me, Alfredo, são baldados teos esforços, minhia tenção está feita. Amanhã ás oito horas da noite o padre Arnaldo me casará com a sobrinha do marquez de Onofre, no dia immediato reza por minha alma, Alfredo. Adeus. *(Sahé precipitadamente da scena.)*

ALFREDO.

Elmano! Elmano!

SCENA V.

ALFREDO *(só voltando-se para scena.)*

Foi-se. *(Pausa.)* Pobre mancebo, mas... corro a fallar ao padre Arnaldo. *(Vai-se.)*

SCENA VI.

O MARQUEZ E A MARQUEZA, conduzindo a sua sobrinha EMILIA.

MARQUEZA DE ONOFRE *(ao marquez.)*

Então ainda pensas do mesmo modo?

MARQUEZ.

E sempre pensarci.

EMILIA.

Sobre o que fallais meos tios?

MARQUEZ.

E' sobre o teo casamento, Emilia.

EMILIA.

Eu éstou muito commovida. Nunca senti uma emoção como esta, sinto um aperto no coração...

MARQUEZ *(aparte á marqueira.)*

Então não ouvis?

MARQUEZA DE ONOFRE *(aparte ao marquez.)*

Deixai-vos disso. *(Alto.)* Isso nada quer dizer Emilia. Não ha mulher alguma que em semelhante momento não tenha emoção. Interpretáis mal o que é completamente natural.

EMILIA.

Mas tudo isso que se passa em mim parece dizer alguma cousa.

MARQUEZA DE ONOFRE.

E o que?

MARQUEZ *(aparte á marqueira.)*

Que elles serão desgraçados.

MARQUEZA DE ONOFRE *(aparte ao marquez.)*

Silencio! *(Alto.)* Mas dizei-me Emilia, o que parece isso dizer?

EMILIA.

Que não será feliz essa união, e que me fará chorar muitas vezes.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Ah! ah! ah! Como és criança! Destrahe-te d'isso pequena, e lembra-te que casas com um dos mais formosos moços da corte, e que alem d'isso é nobre e rico.

EMILIA.

Mas, minha tia, ainda hontem tive um sonho horrivel, e quando delle me lembro, entristeço, mesmo contra minha vontade.

MARQUEZA DE ONOFRE.

E esse sonho?

EMILIA.

Era, que achando-me junto ao altar, e na occasião em que estendia a mão para unil-a a de meo noivo; uma mulher vestida de negro, e com os cabellos desgrenhados, caminhado furiosa para mim, me arrancou a corda, e o véo do noivado, e collocando sobre ella se aproximára ao altar; vós, e todos os convidados gritaveis, e hieis a andar lançar forá essa ousada mulher, quando com espanto de todos e estupefacção minha, meo noivo ofertou sua mão a essa mulher, e entre uma harmonia coléste e inesperada contrahirão o casamento sem obstaculo algum do sacerdote, e o que mais me assombrou cára tia, foi que em um

rolance, e quando tornei a mim vi essa mulher temeraria vestida com todo o brilho, sem ter mais nem o negro vestido, e nem os cabellos desgrenhados ao passo que eu estava em desalinho e trajando o luto. Corro espavorida por entre a multidão que me fulminava com o infernal riso do desprezo, desmaio sobre a lago de uma calçada, quando accordei banhada em lagrimas, e sem saber pelo que os soluços as dobravão.

MARQUEZ.

Isso é singular.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Nada mais simples. Tua imaginação é um pouco ardente, influindo muito sobre ti produziu essa ficção a que ligas importancia.

MARQUEZ (*aparte a marquez*).

Pela ultima vez tende piedade delles senhora.

MARQUEZA DE ONOFRE (*aparte ao marquez*).

Pela ultima vez deixai-me senhor. (*Alto*) Em que pensas querida sobrinha, por acaso não te embriagão os perfumes do futuro que te espera? Rica, nobre, e formosa, senhora de um rico nobre e interessante joven, nada mais venturoso por certo! Rasgar as mais custosas sedas, deixar desaparecer o pequeno pé calçado pelo mais delicado borzeguim no macio tapete dos teos salões esplendidos; ser senhora de brilhantes de alto preço, ter um camorate no theatro lyrico, um carro ás ordens para passear aonde quizeres, não é felicidade, não é ventura Emilia? Oh! quanto te invejarão as outras jovens?!...

EMILIA.

Mas trocára tudo isso pelo meu socego de espirito.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Tu o terás.

EMILIA.

Oh! se fosse assim?

MARQUEZA DE ONOFRE.

E porque não o será.

EMILIA.

O meu sonho?

MARQUEZA DE ONOFRE.

Deixa-te de asneiras Emilia. Por acaso acreditarás em sonhos?

MARQUEZ (*aproximando-se das duas*).

Silencio! O conde aproxima-se apressado para aqui.

SCENA VII.

OS MESMOS, E O CONDE (*entrando*).

CONDE.

Sede bem vindo, marquez, e vós senhoras acceitai o coração de um velho que sabe prezar os seus amigos.

MARQUEZA DE ONOFRE.

A presento-vos a vossa futura nora.

CONDE.

Tenho muita honra em conhecer-vos, senhora. Acharieis em mim um sogro se fosseis outra qualquer, mas encontrais um pai porque sois vós. (*O marquez occupa uma cadeira que se acha no fundo da scena e parece meditar*)

MARQUEZA DE ONOFRE.

Ella vos comprehende, e eu vos agradeço.

EMILIA.

Podeis contar que com o pouco dote que me deo a natureza, e a educação, farei tudo ao meu alcance para fazer a felicidade do vosso filho.

CONDE.

A vossa belleza e a vossa educação já podem muito para fazer a qualquer o mais feliz mortal

EMILIA.

Não mereço tanto.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Agradeço-vos, conde, o conceito que fazeis de Emilia.

CONDE.

Aonde está vosso marido?

MARQUEZA DE ONOFRE (*voltando-se*).

Parece meditar.

CONDE.

Olá, marquez, o que fazcis ali? Em que meditaes?

MARQUEZ (*levantando-se e aproximando-se*).

No mundo, e na humanidade!

MARQUEZA DE ONOFRE.

Ah! ah! ah! O marquez deo agora em dramaturgo! (*Emilia sempre que a deixão em liberdade torna-se pensativa*.)

CONDE.

Oa, talvez, quem sabe se alguma inspiração o tenha tornado poeta.

MARQUEZ.

Poeta ou dramaturgo, vos affianço que ha tempos a esta parte, o mundo me enoja, e a humanidade me assombra... mas deixemos essas idéas tristes, e conversemos.

CONDE.

E' verdade, mas Elmano está tardando, é preciso avisá-lo, talvez não saiba. ....

MARQUEZA (*apontando para uma porta lateral*).

Para aqui se encaminha elle neste momento.

MARQUEZ.

E vem arrebatador. (*Aparte*.) Pobre joven!

MARQUEZA DE ONOFRE (*aparte*).

Apenas te darei dous minutos; no terceiro estareis salvo ou perdido para sempre.

SCENA VIII.

OS MESMOS E ELMANO (*entrando comprimenta a todos, e fica á espera que se lhe falle. Apesar de ter o semblante abatido, deve operar uma transmutação tal que pareça estar completamente contente*).

CONDE (*tomando Emilia pela mão*).

Eu vos apresento D. Emilia de Castro, sobrinha do Sr. marquez, e amanhã vossa esposa.

ELMANO.

A minha satisfação em vos conhecer, senhora, é immensa, podeis estar certa que procurarei por todos os meios fazer-vos feliz, (*Voltando-se para o marquez*.) Eu vos agradeço a preferencia a tantos outros mancebos nobres e ricos. (*Para Emilia*.) Não quero, senhora, que exista neste paiz uma dama que vos vença em formosura

EMILIA.

Eu vos agradeço e farei tudo para tornar-vos ditoso.

ELMANO.

Obrigado, senhora, meo coração é vosso. (*Aparte*.) Quanto me custão, meo Deos, estes papeis representados na scena de uma vida constrangida.

CONDE.

Deixemos os dois noivos, e vamos conversar para este lado. (*Os tres occupão o lado direito da scena, e Elmano e Emilia o lado esquerdo*) Então, o que vos disse eu, marquez?

MARQUEZ.

Com effeito, estou admirado, e dou-vos os parabens.

CONDE.

E eu não vos disse, que aquillo não passava de uma mera criança?

MARQUEZA DE ONOFRE.

Que o hia precipitando no abismo.

CONDE.

A mocidade é assim, meos amigos; entrega-se logo ás primeiras impressões, e se alguma mão poderosa não lhe aponta o verdadeiro caminho, ai della!

MARQUEZA DE ONOFRE (*aparte*).

Quando se enganão os homens! Nunca temi Elmano como agora. (*Continuão a conversar baixo*.)

ELMANO (*dirigindo-se a Emilia*).

Acreditai no que vos digo, senhora.

EMILIA.

Oh ! se o pudesse !

ELMANO.

Porque o não quereis, não é assim ? *(Continuação a conversar baixo.)*

MARQUEZA DE ONOFRE.

Conde, fazei-me o favor de retirar-vos para o salão proximo, levando em vossa companhia minha sobrinha e o marquez. Preciso fallar a sós com vosso filho sobre negocio importante para elle.

CONDE.

Pois não, marqueza, eu sempre cumprirei as vossas ordens. *(Dirigindo-se para Elmano e Emilia que conversão baixo.)*

MARQUEZ.

Senhora, não derrameis o caldo que está tão bem preparado.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Nada temais.

CONDE.

Meos filhos, perdoai se vos interrompo, mas é mister que Elmano fique a sós com a marqueza para negocio de importancia ; e vós, minha filha, acceitai meo braço e segui-me. *(Emilia acceita o braço do conde.)*

MARQUEZ.

Eu vos acompanho. *(O conde sahe dando o braço á Emilia, e o marquez os segue.)*

SCENA IX.

ELMANO, E A MARQUEZA DE ONOFRE.

ELMANO.

O que me quereis ?

MARQUEZA DE ONOFRE.

Pela ultima vez respondei.

ELMANO.

Não.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Logo será tarde, mancebo, amanhã o abismo vos sorverá de todo.

ELMANO.

Ide-vos.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Para sempre perderás Rosina.

ELMANO.

Não me provoqueis, não me provoqueis !

MARQUEZA DE ONOFRE.

Elmano, eu vos adoro, um instante de felicidade.

ELMANO.

Nunca.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Por piedade. Fazeis-me malvada, e ficais desgraçado.

ELMANO.

Tanto melhor para vós, senhora.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Quereis tudo, menos fazer-me venturosa ?

ELMANO.

Eu vos odeio mulher ! Fostes o demonio que com seos infernaes planos, me roubou a prenda querida dos meos dias ! Teo halito pestilento embaciou o brilho do meo futuro, e para coroar vossos feitos hediondos, assassinastes todas as minhas esperanças. Vê, mulher, se te posso dar um momento de ventura.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Mas ainda é tempo, tudo posso dar, mas... uma hora, um só instante de ventura !

ELMANO.

Mulher, eu só te daria uma eternidade de angustias.

MARQUEZA DE ONOFRE *(ajoelha-se.)*

Elmano, por piedade !

ELMANO *(pega em um dos braços da marqueza e lança-a ao chão.)*

Ide-vos, demonio dos demonios ! *(Sahe rapidamente da scena.)*

MARQUEZA DE ONOFRE.

Amanhã eu vos darei o inferno !

*(Desce o panno.)*

## ACTO V.

O theatro representa a capella da casa do conde, que deve achar-se illuminada para a solenidade do casamento.

### SCENA I.

ALFREDO (*entrando*).

Eu não esperava outra cousa do padre Arnaldo, sua virtude é proverbial. E vós, monstro, que assassinais com o sorriso nos labios, muito errado andasteis em escolher para vossa missão sanguinea e barbara o anjo da paz e da bondade. Não vos passava pelo pensamento, que entre demonios envolver um anjo era o mesmo que fazer abortar os vossos negros designios. Que nunca Deos consentiria, que a virtude eclipsasse seo brilho nas trevas de tão nefando crime! Marqueza de Onofre, eu bem vos disse que acima de vós estava a Providencia.

### SCENA II.

O MESMO E A MARQUEZA DE ONOFRE (*entrando*).

MARQUEZA DE ONOFRE.

• Nunca me esqueci d'ella, senhor!

ALFREDO.

Nunca a tivestes em lembrança, senhora.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Entrego ao desprezo as vossas palavras, cavalheiro, e como não encontro aqui a quem buscava, eu me retiro.

ALFREDO (*embargando-lhe a sahida*).

E' o que não fareis, senhora, sem ouvir o que não vos queria dizer e o que não quereis ouvir.

MARQUEZA DE ONOFRE (*querendo ainda sahir*).

Admiro a vossa audacia, e rio-me da vossa loucura. (*Vai para sahir.*)

ALFREDO (*lança mão de um dos pulsos da marqueza, e a traz a boca da scena*).

Não sahireis, senhora, sem que vos diga em face tudo quanto sois!

MARQUEZA DE ONOFRE.

Vosso atrevimento é immenso, vossa cobardia falla mais que

tudo! Sois um homem, e quereis, empregando a força, que uma mulher debil ouça os vossos insultos? Nada posso contra vós agora, mas logo isso vos custará caro.

ALFREDO.

Estava só, viestes provocar-me, pois bem, ouvi. Sois fraca, dizeis vós, e entretanto sois bastante forte para arrojardes um mancebo na flôr dos annos no mais negro precipicio... E isso porque? Porque não quiz ceder aos vossos desejos.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Senhor, deixai-me sahir!

ALFREDO.

Sois debil, mas não deixais de ser um monstro para abusar da fidelidade de um esposo que vos cerca de caricias, e como um demonio enviado do Averno assassinais futuras esperanças, a fé, a caridade, e o bem que são os adornos da virtude. Não corais em presença da vergonha que se vos lança em rosto, e entretanto, marqueza.... sois incensada.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Fallai mais baixo, eu vos peço, eu vos supplico.

ALFREDO.

Alguem tambem vos supplicou, alguem vos pediu piedade, e essa piedade que pedia era tão facil, e vós o ouvistes? Olhai, não vedes aquelle altar illuminado; a imagem do Christo rodada de esplendor, sabeis para o que é? E' para um sacrificio, é para arrastar até ali uma victima, e sois vós quem a arrastais, e sois vós quem ergueis o cutello para decepar-lhe a cabeça! Mas enganai-vos, senhora, porque a Providencia tem mais força do que vós, ella ha de vencer!

MARQUEZA DE ONOFRE.

Pois bem, senhor a victoria será minha!

ALFREDO.

Assassina, que encobris a mão ensanguentada na macia luva do Jouvin, que escondeis o punhal do bandido no aromatico bouquet do baile, que ouvís o ultimo arranco da victima com o sorriso nos labios, e o carmin nas faces.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Compaixão, alguem se aproxima; deixai-me sahir.

ALFREDO.

Que venha o mundo inteiro para ouvir dizer : — Vede a figura do vicio, da audacia, e da impunidade ! Já contemplasteis Venus a par da sua belleza, a corrupção, e o crime, pois bem ella nada é a vista desta mulher perante a qual seria santa Messalina... Vós não enrubecéis, senhor, por vós enrubecerão os vossos lacaios !..

MARQUEZA DE ONOFRE.

Alguem se aproxima, perdão, senhor, perdão.

ALFREDO.

A lei é muda para esses que, como vós, assassinao com o bouquet nas mãos, e com o sorriso nos labios, pois bem, para vós, assassinos elegantes, bandidos aromaticos, a Providencia como juiz.....

MARQUEZA DE ONOFRE (*ajoelhando-se*)

Ouvio os passos que para aqui se encaminhão, tende piedade.

ALFREDO.

E o inferno como pena ! (*Sahe.*)

SCENA III.

A MARQUEZA DE ONOFRE (*erguendo-se apressada, e compondo-se.*)

Guardai-vos de mim, Alfredo de Castro ! Fosteis o primeiro homem que ousou insultar minha honra ! Caro o pagareis bem caro por certo. Antes de vos um homem chamou-me mulher perdida (*apotando para o altar*) alli está perparado o seo castigo ! Acabo um vingança, e dou começo a outra, isso ao menos me diverte ! (*Olhando para o interior.*) Vamos ao encontro dos noivos que se aproximão ao altar. (*Vai para junto da porta por onde devem entrar os personagens da scena seguinte.*)

SCENA IV.

A MESMA, O MARQUEZ O CONDE O PADRE ARNALDO ELMANO E EMILIA.

MARQUEZA DE ONOFRE (*sahindo ao encontro*).

Tardastes muito ; já ha uma hora que aqui vos espero.

MARQUEZ.

Os noivos se aprompiarão mui vagarosamente.

ELMANO (*aparte*).

Alfredo ! se ainda é tempo salva-mo !

EMILIA (*aparte*).

Tenho um peso no coração. O meo sonho não me sahe do pensamento !

CONDE.

Então, meo filho, não te achas agora socegado.

ELMANO.

Sim meo pai. (*Com ar sinistro.*) Vós me fazeis o mais ditoso dos homens, eu vos agradeço !

MARQUEZA DE ONOFRE.

Então, Emilia, ainda pensas nas tolices de hontem ?

EMILIA.

Não, minha tia, acho pouco tempo para as delicias de hoje.

MARQUEZ (*ao padre Arnaldo*).

Então, reverendo, está tudo pronto ?

PADRE.

Tudo está perfeito, meo amado irmão, só aguardo a vossas ordens.

CONDE.

Meo filho, esquece uma vez para sempre os teos desvarios. A felicidade nem sempre baseja ao redor de nós o seo halito divino. Uma carreira brilhante está diante dos teos olhos, reflecte no pervir, e nunca te esqueças do dia de amanhã, ao contrario, comerás em pratos de ouro e te recostarás em ricas poltronas na mocidade e na velhice a miseria com o bastão de peregrino !

ELMANO.

Nada receeis, meo pai, eu trago bem presente o dia de amanhã.

CONDE.

A mulher que o céo te destinou é digna de ti, o teo fado é brilhante.

ELMANO.

Eu saberei ser grato, senhor.

CONDE.

Meos filhos, é chegada a hora de vossa felicidade.

SCENA V.

OS MESMO E ALFREDO (*entrando*).

ALFREDO.

E por isso venho testemunhar a ventura de Elmano.

ELMANO.

Oh! Estas palavras me dão coragem.

CONDE.

Eu o elle vos agradecemos o disvelo com que sempre nos tratastes.

ALFREDO.

São os deveres da amizade, senhor conde, elles não querem recompensas!

MARQUEZA DE ONOFRE (*aparte*).

Este homem me inquieta!

MARQUEZ.

Vamos, meos senhores, o padre espera junto ao altar os vossos juramentos. (*Elmano dá a mão a Emilia, e a conduz ao altar, o conde, e o marquez ficam de lado, a marqueza um pouco afastada, e Alfredo quasi na boca da scena.*)

MARQUEZA DE ONOFRE.

Enfim, estou vingada!

ALFREDO.

Meo Deos, como custão a passar esses instantes. (*O padre principia a celebrar o acto do casamento, e Alfredo impaciente parece contar as palavras.*)

PADRE.

Se existe algum impedimento, e se algum dos circunstantes o sabe (*com voz forte*) declare sobre pena de excomunhão. (*Alfredo faz signal para dentro apenas o padre pronuncia a ultima palavra, e Rosina precepita-se em scena vestida de negro, e com os cabellos desgrehados.*)

SCENA VI.

OS MESMOS, ROSINA, E ANDRÉ. (*O conde, o marquez, e a marqueza recuão espavoridos, e Emilia cahe sem sentidos exclamando--O meo sonho!..*)

ROSINA.

Padre suspendei, Elmano me pertence, não m'o roubeis, pelo céo o imploro!

ANDRÉ.

Reverendo, esta mulher possui os juramentos deste homem, elle os não pôde dar a outrem perante Deos!

ALFREDO.

E se precisais uma testemunha eu juro, o confirmo o que diz este homem! (*Elmano lança-se nos braços de Rosina.*)

ELMANO.

Rosina tu me salvas a vida, Alfredo eu t'o agradeço. (*O marquez a marqueza, e o conde occupão-se completamente em chamar a si a Emilia; que não recobra os sentidos*)

PADRE.

Senhor, vós sustentais o que acabárão de dizer?

ELMANO.

Meo padre, eu vos imploro que me unais á unica mulher que me pôde fazer venturoso, ou que rogueis pela minha alma!

PADRE.

Como sacerdote de Christo o meo dever é unir-vos, uma vez que vós o quereis, e que vós, senhor, comprometteis vossa vida se o não fizer. Minha missão é a de paz, e não consentirei que haja um suicidio, porque não quiz unir duas almas que forão feitas uma para outra; se alguém condemnar o meo acto estou pronto a defender-me. Carrego pois com a responsabilidade. Meos filhos chegai-vos ao altar.

CONDE.

Senhor! Vós não podeis commetter um acto tão escandaloso! Casar um filho sem o consentimento do seo pai!

MARQUEZ (*aparte*).

Meo Deos! como se enganão os pais nos meios de salvar seos filhos. (*Vai conduzindo Emilia para o interior.*)

SCENA VII.

OS MESMOS, MENOS O MARQUEZ E EMILIA.

PADRE.

Acto escandaloso commettesteis vós em arrastar a um altar um mancebo que se não queria unir aquella joven! Fostes vós, senhor, o sacrilego que desrespeitastes o altar de Christo, convertendo-o em banca de negocio, cuspindo na religião santa de vossos pais,

e chamando para cúmplice de vossos attentados um ministro de Deos, que até hoje, senhor, ainda se não fascinou, nem pelo brilho do ouro, nem pelo das galões de vossas fardas! Porque não quereis consentir no casamento de vosso filho, com esta joven? Tendes alguma cousa a declarar a seo respeito? E' uma artista, senhor. Muitas vezes a corôa do noivado brilha mais na frônte de uma artista honrada, do que na de uma titular prostituida! Por acaso quando o conduzistes aqui perguntastes a sua vontade? Não, senhor! Trouxeste-o contrariado, pois bem: contrariai-vos agora, porque é para para a felicidade de vosso filho!

CONDE (*furiado*).

Padre, um dia nos encontraremos; e tu, filho desgraçado, segue a tua estrella! Não te amaldiçoem nem te desconheço; se para o futuro alguma dôr soffreres, lembra-te do dia de hoje! (*Vã-se.*)

PADRE.

Em qualquer parte vos encontrarei tranquillo.

**SCENA VIII.**

OS MESMOS MENOS O CONDE.

PADRE.

Vinde, meos filhos, eu vos darei a felicidade.

MARQUEZA (*na boca da scena enquanto se celebra o casamento*).

Alfredo de Castro, caro te custará a victoria!

**SCENA IX.**

OS MESMOS E BENTO DA SILVA (*entrando*).

BENTO DA SILVA.

Mais caro te custará a derrota.

MARQUEZA DE ONOFRE.

Bento da Silva!

BENTO DA SILVA.

Dize ante — o meo carrasco! Vês aquelle acto que alli se celebra, aquillo quer dizer que Elmano vai gozar da ventura do céu; quer dizer ainda que alli começa o teu martyrio, e que o teu cúmplice para vingar sua vergonha, e sua derrota, te buscará para alvo de todas as suas cruezas e de todos os seus odios. Marqueza, eu vos dou os mais sinceros emoras, e até sempre!

MARQUEZA DE ONOFRE.

Ah! (*Cabe sem sentidos.*)

PADRE.

O futuro vos seja propicio, meos filhos. (*Desce do altar e sahe.*)

ANDRÉ.

Meo Deos, está salva minha irmã!

ELMANO (*a Alfredo*).

Caro amigo, possa um dia ser grato a tantos sacrificios!

ROSINA.

Oh! Elmano a desgraça me assombrou tanto, que duvido da minha ventura de hoje.

ELMANO.

Agora para longe as lagrimas, e as idéas tristes, o riso seja constante em nossos labios e transbordem de prazer os nossos corações.

*Fim do quinto acto e do drama.*

**AO LEITOR.**

A rapidez com que se publicou este drama, foi a causa porque escaparão alguns erros typographicos de facil correccão, dos quaes pedimos desculpa.